

# MOEDAS DA CORUNHA

(CARTA A PROPÓSITO DAS «RARIDADES NUMISMÁTICAS»  
DO DR. BATALHA REIS)

POR LUÍS PINTO GARCIA

s/c Castelo Branco, 29-11-1949.

Meu caro Batalha Reis:

Renovo-lhe os meus agradecimentos pela oferta de um exemplar do seu opúsculo *Raridades Numismáticas*. Li-o mais que uma vez, e muito atentamente, e tanto mais atentamente quanto é certo que, logo na primeira página, V. admitia o aparecimento de moedas fernandinas batidas possivelmente em Cória, entre as achadas junto ao histórico Castelo de Faria, essa célebre fortaleza de que Herculano nos deixou tão belas páginas, em que perpassa o tradicional heroísmo português aliado à velha lealdade que foi timbre dos nossos antepassados. Mais adiante, no seu trabalho, noticia o aparecimento do *meio-tornês* mutilado com a letra monetária Q — verdadeira avis rara entre as achadas — e que V. aventa, porque não o poderia garantir, ser da Casa da Moeda de Cória (Espanha).

Lamento muito não estar de acordo e passarei mais adiante a demonstrar porque o não estou.

Em primeiro lugar — e releve-me V. a maçada que lhe dou em ler-me — consinta-me um pequeno articulado, como *avant-garde*, antes de lhe provar que a moeda em questão não é de Cória, mas sim doutra localidade também espanhola. Começemos:

1.º Nas págs. 5 e 6 V. fala

a) em *meios-torneses* de escudo de quinas lanceolado no anverso e torre ladeada pelas quatro letras do nome do rei F-E-R-N e sem qual-

quer marca de oficina aparente no reverso, que classifica como de Lisboa;

*b)* em *meios-torneses* semelhantes tendo a torre do reverso ladeada por CR-V, que classifica como da Corunha, além do

*c)* dito *meio-tornês* do tipo *a)* tendo a mais a letra Q sobre o escudo do reverso, e que V. aventa ser de Cória. Ora,

2.º em que se baseia para classificar o tipo *a)* de Lisboa?! Por não ter marca monetária?! E a torre nada lhe diz?! Não lhe parece um elemento diferente nas numismas deste rei?

3.º Estou absolutamente de acordo com o que diz do tipo *b)*. Adiante falarei dele.

4.º Sobre o tipo *c)* — o pomo desta amigável discórdia — dele se falará na altura devida.

5.º É muito mais natural dizer-se Qurunha ou Querunha e Quarmona (já não digo Qarmona) do que Qoria. Não lhe parece que adiante dum Q se coloque um *u*? De *Qu* passou-se para C — quaderno-caderno —, etc.. Mas isto é com os filologistas. Qoria nunca se escreveu em português, estou disso inteiramente convencido, como igualmente não se escreveu em castelhano, segundo o testemunho do Dr. Dom Felipe Mateu y Llopis.

6.º Como se está no campo das hipóteses não vejo razão para V. escrever, como escreveu, na página 7 do seu trabalho: «A hipótese de poder ser a marca de Qurunha (Corunha) ou Qarmona (Carmona), como alguém já aventou <sup>(1)</sup>, perde probabilidades uma vez que se lhe antepõe Cória em condições idênticas:...» pela mesma razão que eu não podia escrever: «A hipótese de poder ser a marca de Qoria (Cória), como alguém já aventou <sup>(2)</sup>, perde probabilidades uma vez que se lhe antepõe Qurunha (Corunha), etc., etc....». Não acha?

7.º Diz V. ainda que as marcas monetárias eram indicadas, em relação aos nomes das letras a que pertenciam, em português. E como tal Cória, no português do tempo, se escreveria com Q. E porque não Corunha e Carmona?! Não se esqueça o Batalha Reis que

8.º nas moedas se escreveu Çamora (em castelhano Zamora) tanto com Ç e S à portuguesa, como com Z à castelhana.

Mas adiante. Eu estou absolutamente convencido que todas as moedas com Torre são da Corunha, tenham elas CR-V ladeando aquela,

---

(1) Luís Pinto Garcia.....

(2) Pedro Batalha Reis.....

tenham F-E-R-N também ladeando a torre, sejam elas como a variedade anterior e com Q sobre o escudo, tal qual o *meio-tornês* há pouco exumado e que pertenceria, com as restantes descritas no seu opúsculo, aos combatentes tombados dentro e fora daquele legendário Castelo de Faria.

Nesta minha tese encosto-me a boa árvore de que, linhas adiante, falarei.

A Torre, meu caro Batalha Reis, veio ocupar o campo dos reversos das moedas de D. Fernando (só são conhecidos por enquanto *meios-torneses*) quando as hostes deste rei passaram a ocupar o campo da Galiza, e a Corunha passou a ser uma das jóias que engastou efêmeramente a coroa do esposo da Flor d'Altura.

A Torre é um castelo, é o Faro de Brigância ou a Torre del Faro ou Castillo Viejo ou La Farola ou Torre de Hércules ou Altíssimo Faro, enfim, em bom português, o Castelo da Corunha. Diz César Vaamonde Lores, a boa árvore a que me reportava, no seu artigo *De monetaria Gallega*—(continuação) in—*Boletín de la Academia Gallega*—Ano XXXI — número 262 — Corunha — 1 de Março de 1936, págs. 249-264, que:

1.º este castelo é famosíssimo e foi celebrado desde a mais remota antiguidade;

2.º que representa verdadeiramente as armas da cidade;

3.º que figura como tal nas moedas fernandinas e apar das portuguesas;

4.º que o seu aparecimento nestas moedas devia ter obedecido a uma determinação (não se conhece qualquer disposição legal referente a elas) do fronteiro português Nuno Freire de Andrade, que governou a Corunha, em nome de D. Fernando, de 1369 a 1371;

5.º o qual, não vendo outro meio de honrar o célebre Castelo da Corunha, terra da sua naturalidade, o mandou gravar em moedas do rei a quem servia, e que,

6.º como D. Fernando se intitulava *Rei de Portugal e de Çamora* nas moedas cunhadas nesta última cidade, em que ele não vislumbrava superioridade sobre a sua Corunha, passou a mandar gravar nas numismas fernandinas o castelo, como homenagem tripla ao próprio castelo, à Corunha e *al escudo de las armas que le subliman*.

Historiemos um pouco. A primeira vez que um *meio-tornês* destes apareceu desenhado foi no Aragão, estampa VI, gravura n.º 47. Era o desenho dum exemplar pertencente a Mendonça Bonicho, e fácil foi a Aragão depreender que era de Corunha pelas letras CR-V que ladeavam a torre, embora se apresentasse duvidoso quanto à sua denominação.

Foi, o exemplar citado, adquirido em 1898 por Ferreira Braga, que dele veio a falar no «Arqueólogo Português», vol. XXV-1921-1922, págs. 106-107 e a dar um novo desenho — estampa II, gravura n.º 14 — por achar imperfeito o desenho de Aragão, que é indubitavelmente do mesmo exemplar. Lores dá o desenho de Aragão na pág. 259 do dito artigo, transcreve em parte o que diz Ferreira Braga, na mesma página, e seguidamente estampa duplamente ampliado o desenho deste último falecido numismata (pág. 263).

Apareceram outros, embora raros, como o Batalha Reis diz, ou semelhantes ou com as mesmas carecterísticas e F-E-R-N ladeando a torre, e por fim o famoso exemplar, como estes, mas com um Q sobre o escudo do anverso.

.....  
 Este último exemplar está mal conservado (mostra-o a fotogravura), como o desenho de Aragão está imperfeito, mas não há dúvida nenhuma que representa a mesmíssima Torre — o célebre Castelo da Corunha. Pelo desenho perfeito de Ferreira Braga se verifica que este é a fotografia numismática do celebrado monumento corunhense, e Lores confirma que ele foi copiado com fidelidade e exactidão tais, que até a porta de entrada está representada acima do nível do solo, tal e qual se conserva, e a janela é a mesma que aparece *en los gráficos anteriores a la restauración del Faro*, isto é, a imagem perfeita do Castelo da Corunha. Ora, como este castelo constitui verdadeiramente as armas desta cidade, temos que convir que ele, por si só, e sem quaisquer outros elementos ou letras, representa uma marca monetária — a marca monetária da Corunha.

Chego, assim, à conclusão que todas as moedas de D. Fernando (só se conhecem, como ficou dito, e nós bem sabemos, *meios-tornneses*), que têm o castelo da Corunha, foram cunhadas na então *nobilíssima ciudad de la Coruña*. O mesmo ilustre investigador galego, Vaamonde Lores, o diz claramente na página 263 e na legenda sob a ampliação representada na mesma página: *Anv. — Las armas del reino de Portugal. Rev: — Las armas de la ciudad de la Coruña*, pois o Escudo quer dizer *Portugal* e a Torre, *Corunha*. Sejam como se apresentem os *meios-tornneses*, nas suas diferentes variedades, as legendas e os desenhos completam-se e pretendem significar *Fernando rei de Portugal e da Corunha*.

Voltando, para finalizar, ao primeiro artigo 1.º não avento, mas afirmo com convicção, que os *meios-tornneses* da alínea *a*).

dizem *F-E-R-N andus rex* (a última parte da legenda continuando

na orla, ou toda na orla — *Fernandus rex*) de Portugal (o escudo) e da Corunha (a torre); os da alínea *b*)

*Fernandus rex* (na própria legenda da orla) e idênticamente, com a vantagem da marca monetária CR-V corroborar que a torre é da Corunha — local do lavramento — e o da alínea *c*)

o mesmo que os da alínea *a*), da mesma maneira com o Q, que encima o escudo do anverso, desempenhando as funções corroborativas de CR-V.

O Q situa-se naquela parte do campo da moeda, porque não caberiam ali as três maiúsculas CR-V, dada a verificável falta de espaço, e atendendo à exiguidade de módulo da moeda, e o artífice moedeiro não iria pôr um *c* ou um C para não dar lugar a confusões com a letra monetária que era privativa da *ceca* de Çamora, então também portuguesa.

O Q passou posteriormente a ser usado nas *Barbudas*, ombreando em significação topónima com CR-V, quando ladeava o busto do Rei Formoso. CR equilibrava com V, e Q para tête-à-tête estético, nestas denominações, passou a ter uma improvisada roseta.

.....  
Pode crer que terei muito prazer em ouvi-lo ou lê-lo sobre o assunto em debate <sup>(1)</sup>, do mesmo modo que em todos os assuntos da especialidade, podendo, se assim o entender, fazer desta carta o uso que quiser. E do que ambos dissermos ou escrevermos alguma luz se fará. São, de resto, esses os meus votos sinceros.

Sempre ao seu inteiro dispor, subscrevo-me, com elevada consideração,

amigo, colega e confrade  
muito att.º e obd.º

*Luís Pinto Garcia.*

Meu caro Luís Pinto Garcia:

Acabo de receber a sua carta a que me apresso a responder-lhe, tal o interesse que ela me despertou; e ainda que o faça *in continenti* ao lê-la, sem haver procurado esmiuçar mais o assunto, afigura-se-me a que

---

(1) Transcrevo, com a devida vénia, os termos leais da carta de resposta do sapiente numismógrafo Dr. Pedro Batalha Reis, a quem presto as minhas mais rendidas homenagens. — L. P. G.

a razão estará do seu lado, por isso que o felicito, dando sem a menor reserva, e com prazer, a mão à palmatória. As suas deduções estão bem feitas, e sobretudo pelo apoio da interpretação de Vaamonde Lores, que há anos li (pois fui eu que lhe forneci — há cerca de 15 anos — as gravuras com que ele ilustra o seu trabalho) e que o tempo me fez esquecer!...

Este caso é bem um exemplo frisante de que todos os assuntos carecem de um estudo pormenorizado, sendo falíveis quando assentam em fundamentos hipotéticos, como o caso presente, e eu próprio o reconheci. Porém, quando se não podem estudar com profundidade todos os múltiplos casos que nos aparecem duvidosos, e há que dar um quadro de conjunto das nossas moedas, é-se por vezes forçado a proceder ligeiramente — como eu o fiz no caso presente — enquanto eu ou outro não reveja o assunto com a necessária bagagem documental, que permita estabelecer doutrina, como espero tê-lo conseguido com os *Morabitanos*, a Numária de D. Afonso V, ou a de D. António; mas quantos e quantos mais problemas se levantam ainda cheios de incógnitas a quem tenta abordar a sua história?

Sem querer afectar as suas lógicas conclusões — nem tão-pouco, sem mais fundamentos, pretender teimar na hipótese de Cória — devo todavia chamar a sua atenção para as dúvidas que a sua hipótese igualmente suscita, e donde sobressai a consideração incómoda de aceitar, de tomar como marcas monetárias da Corunha o C-V ou CRV a par de Q; antes pelo contrário a aplicação do Q me parece que seria antes para designar outra terra igualmente começada por c com o valor de q.

Como quer que seja, tão ponderáveis devem ser as suas objecções, que desde já lhe peço licença para a elas aludir na *Cartilha*, quando a seu tempo me referir ao assunto no texto (pois que as gravuras já estão a ser distribuídas) pondo as devidas restrições à classificação proposta no que toca às moedas com Q.

Agradecendo-lhe, pois, o prazer que me proporcionou com a sua carta, creia-me com muita simpatia seu colega e amigo

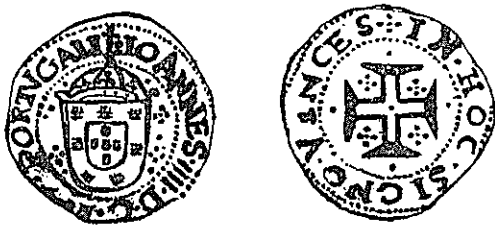
*Pedro Batalha Reis.*

# UM TOSTÃO DE D. JOÃO IV

POR JOÃO LOPES F. GUEDES

Possuímos na nossa modesta colecção uma interessante variante de Tostão de D. João IV — 1.<sup>a</sup> emissão — (?) que pelas suas características e raridade parece ser digna de ser levada a conhecer dos leitores de NVMMVS, especialmente como contributo para o estudo, por parte dos entendidos da Numária deste monarca, se, como julgamos, tiver valia para tanto.

É variante do exemplar reproduzido na *Cartilha Numismática* sob o n.º 5 da estampa 66 e do J4.23 do «Catálogo das Moedas Portuguesas» do Ex.<sup>mo</sup> Eng.º J. Ferraro Vaz, mas sem L-S. no anverso.



A sua descrição, é:

ANv.: .IOANNES.IIIII.D.G.REX.PORTUGALIE

Num círculo pontuado, o escudo coroado entre 4 grupos de 5 pontos (2 grupos de cada lado) sendo o ponto do centro dos grupos mais pequeno; um ponto entre os grupos e outro abaixo de cada grupo inferior.

Rv.: .:·IN.HOC.SIGNO.VINCES

Num círculo pontuado, a cruz de Cristo com ponto no centro, cantonada por 5 pontos e com um ponto em cada extremo.

Prata.    Peso: 8,1 gr.    Módulo: 26 mm.    Conservação: M. B.

Verifica-se, portanto, estarmos em presença de um numisma cujo reverso apresenta as características de alguns exemplares de Tostão de Filipe II e III e com um peso ligeiramente superior ao exemplar de D. João IV mais pesado que conhecíamos, o descrito no n.º 5 da estampa XXX de «ARAGÃO» com 161 grãos ou sejam 8,02 gr..

Será o Tostão mandado bater pela lei de 14 de Fevereiro de 1641 com o peso de 164,57 grãos (8,2 gr.) que Teixeira de Aragão não conseguiu conhecer e ignorava mesmo que tivesse sido cunhado, como diz a pág. 18 do Vol. II da sua monumental obra sobre Moedas Portuguesas?

Em qualquer caso, o seu conhecimento oferecerá subsídios para o estudo, nas suas variantes, das séries do fundador da Dinastia de Bragança, único intuito desta breve comunicação.